

Fausto Silva

Fausto Silva, o repórter que deu duro, venceu, virou celebridade, mas, fora do *Domingão*, detesta holofotes e entrevistas

Em 1997, numa edição histórica produzida em homenagem ao *Dia da Imprensa*, então comemorado em setembro, e que bateu todos os recordes de páginas e publicidade, até hoje não superados, o jornal *Unidade*, do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, incluiu entre suas pautas uma reportagem com **Fausto Silva**, o **Faustão**, que, àquela altura, já fazia um sucesso danado na Globo. A edição foi resgatar o Fausto jornalista, o Fausto repórter de campo que passou por emissoras de rádio como *Jovem Pan* e *Globo* e que foi da equipe de Esportes do Estadão. O Fausto sindicalizado, de carteirinha e tudo. Valeu a pena. **Darci Higobassi**, o **Shiro**, que desapareceu das redações há uns seis ou sete anos e hoje se dedica à missão religiosa, como pregador da Bíblia e de Jesus Cristo, amigo e admirador do Faustão, fez o perfil, mostrando o quanto o artista ainda lembrava do jornalista e o quanto o Jornalismo ainda fazia diferença na vida dele, mesmo longe, havia alguns anos, das redações.

Faustão foi um jornalista que, mesmo reconhecido na profissão, trocou de atividade e acabou se dando muito melhor, consagrando-se como apresentador e animador de programas de auditório, sendo desde então um dos artistas mais respeitados e melhor remunerados do País.

Numa série como esta que nos propusemos a fazer, mostrando personagens especiais com fortes ligações com o Jornalismo, nada mais natural do que incluir uma figura como Faustão, que sempre deu grande valor ao seu lado jornalístico. Inspirados naquele trabalho, em janeiro de 2009 propusemos um *revival*, mas num

Talese). Também assim fez Célia, escrevendo textos singelos, poéticos, emocionantes.

Emperrou num ou noutro obstáculo, como Hebe Camargo, que não a recebeu nem deu qualquer depoimento, apesar de já ter sido entrevistada por ela em outras ocasiões. Orientação da própria artista ou de sua assessoria? Difícil saber, mas deixa pra lá...

Voltando ao Faustão, no período em que tentávamos ouvi-lo, chegamos a pedir ajuda a um amigo comum, que frequentava com certa regularidade a casa e as rodadas de pizza dele, ao lado de personalidades e outros jornalistas. Disse-nos esse amigo, em meados de 2009: "Há mais de dez anos não vejo o Faustão. Desde o novo casamento dele, alguma coisa aconteceu e as amizades já não são as mesmas. A última vez que o vi, foi quando nasceu

novo contexto, à editora-contribuinte **Célia Chaim**, que aceitou a missão, mesmo sabendo das dificuldades que teria. Quem é do ramo sabe que Faustão, apesar de seu jeito simples e afável, não gosta de dar entrevistas.

Fizemos inúmeras tentativas, até conseguir que nos recebesse, o que aconteceu há três domingos (15 de agosto), no Projac, no Rio de Janeiro, quando finalmente ele falou para nossa editora regional **Cristina Vaz de Carvalho**. Até esse dia, foram 19 meses de espera. Todos os caminhos para chegar até ele estão muito bem trancados, por opção dele próprio, que não gosta de falar e muito menos de aparecer. Exceção, obviamente, aos programas de domingo, que já há duas décadas frequentam a casa de milhões de brasileiros.

Enquanto a entrevista não saía, em São Paulo Célia Chaim saiu a campo para fazer um perfil de Faustão, mesmo sem tê-lo entrevistado. Pôs-se a vê-lo na tevê, a ler sobre ele, a ouvir amigos e foi construindo a matéria ao estilo de **Gay Talese**, de **Joel Silveira** (que fez isso aqui no nosso Brasil antes mesmo de

sua filha. Fui visitá-los. Depois disso, cheguei a ligar algumas vezes, deixando recado, mas ele nunca mais retornou as ligações. Tudo bem, coisas da vida. Acho que ele decidiu dar uma virada com o novo casamento e reciclar também as amizades e temos de respeitar isso".

Em compensação, há outros amigos, como **Ricardo Kotscho**, **Silvio Luiz**, **Washington Olivetto**, **Luiz Carlos Ramos**, que o conheceram naqueles velhos tempos de redação e até hoje continuam no círculo de amizades de Fausto. E que aceitaram falar e escrever sobre ele, sobre a amizade e sobre alguns segredos desse que, ao lado de Sílvio Santos e do saudoso Chacrinha, transformou-se num dos maiores comunicadores da história da televisão brasileira.

Para se ter uma ideia, Célia começou a escrever sobre Faustão em janeiro de 2009 e duas ou três semanas depois entregou o trabalho, que, como todos verão, é um diamante. Mas um diamante lapidado. Com a paciência dos orientais, decidimos esperar o momento de ouvir Faustão e de entregar aos nossos leitores esse maravilhoso trabalho realizado por Célia Chaim, um texto digno de frequentar as boas escolas de Jornalismo como exemplo singelo do que é fazer uma reportagem, um perfil, mesmo na adversidade.

Com o rico material de Célia em mãos (que mantivemos quase na íntegra, apenas com algumas atualizações em função da entrevista), mais o resultado da substancial conversa de Cristina, finalmente podemos levar a você um consistente perfil de Fausto Silva. Aproveite então para conhecer um pouquinho mais desse personagem importante de nossa televisão e que um dia, como muitos de nós, corria como doido atrás de notícias e furos.

Boa leitura!

Eduardo Ribeiro e Wilson Baroncelli



Fotos: Jorge Crisi





Cadê o Faustão?

Por Célia Chaim

Correr atrás de Fausto Silva, o brasileiríssimo Faustão, é entrar numa maratona. Ele recebe tantos elogios de amigos que não me permito dizer que é arrogante. São amigos que dão muitas risadas com ele, conhecem o seu lado bem-humorado, um belo pai de família, um cara que, imagino, faz rir até o esplêndido Chico Anysio. Pode rasgar elogios, mas a entrevista não vem.

Falou com esse? Falou com aquele? Com a assessoria?

Se ele fosse Frank Sinatra e eu, Gay Talese, o jornalista-escritor superreverenciado em qualquer lugar do planeta, eu, pelo menos, estaria bem. Mas veja a minha dimensão: sequer

consegui acesso para assistir o *Domingão do Faustão* no auditório.

Auditório onde deita e rola 52 domingos por ano e garante à Rede Globo uma bolada de dinheiro, com a média de 20% de audiência. Não é apenas a emissora que tem lucro com o *Domingão do Faustão*. Ele, que nunca foi pobre, ficou rico, muito rico. É impressionante sua capacidade de trafegar pelos dois mundos – o dos ricos, banqueiros, empresários etc. e tal, e o da dona Maria, dona Eliete e tantas outras donas que fazem do *Domingo do Faustão* a sua suprema alegria. Ele, que entrevista tanta gente, não parece gostar de ser entrevistado.

Joyce Pascowitch, a jornalista que virou o columnismo social de cabeça para baixo, amiga de Faustão há muitos anos, acertou em cheio quando disse “um dia você ainda vai acabar na Globo”. Foi Joyce quem falou isso a Faustão pela primeira vez. “Claro que não me lembro de nada... Foi o Fausto quem me lembrou”. Há mais de 20 anos – diz Joyce numa entrevista com Faustão na revista Poder, uma das publicações de sua editora, a Glamurama –, ela frequentava o auditório do *Perdidos na Noite*, da TV Record, que Fausto gravava no Teatro Zaccaro, em São Paulo. Ficava no Bexiga, o lugar mais fervilhante da cidade na época.

Fausto só viria a ser chamado

Faustão na Globo. Foi, sim, “enquadrado” no padrão da emissora ao assumir o *Domingão*, mas nada que deixasse de fora a sua inteligência, seu humor para fazer observações, sua irreverência, sua popularidade em sentido amplo para garantir risadas e bom humor a todos, principalmente àqueles que são excluídos das mais simples necessidades para viver. Faz rir Hebe Camargo, sua amigona, faz rir os moradores dos bairros mais pobres de São Paulo – Guaianazes, Capela do Socorro, Capão Redondo, Cidade Tiradentes, Grajaú e Parelheiros –, aqueles que numa enchente carregam o que podem para fora, com a televisão sempre na cabeça do marido e os filhos nas mãos da

“Fico tão confortável quanto uma perereca na frigideira. Sempre gostei de entrevistar e nunca de ser entrevistado”. E eu sempre gostei de programas de auditório sem nunca ser a então chamada “macaca de auditório”. Aqui vale uma explicação bem pedante: só gosto de programas que não minimizam a minha modesta inteligência.

Para escrever sobre você, Faustão, passei vários domingos diante da tevê. Só parava quando o *Domingão* era interrompido por algum jogo de futebol que não fosse do São Paulo ou do Corinthians. Conheci a banda Calcinha Preta, sucesso nacional que

a minha ignorância não me permitiu conhecer antes. Calcinha Preta – garantem – é uma das maiores e melhores bandas de forró. São mais de dois milhões de DVDs e cinco milhões de CDs vendidos! O grupo vende muito mais do que qualquer um dos músicos que mais admiro. Paciência... Música é um negócio muito particular mesmo. O *ranking* dos dez CDs mais vendidos no País foi liderado em algumas ocasiões pelo padre Marcelo, a celebridade da época. O padre fez seu périplo por todos os programas de auditório, para alegria de seus fãs, fiadores da máxima “a voz do povo é a voz de Deus”.

mãe. É só desgraça e pode ser uma pequena alegria no meio de tanta tragédia ter salvado os filhos e, quem duvida, a tevê comprada em intermináveis prestações. É um troféu para quem está completamente fora do foco dos políticos. Pra que a televisão? A resposta correta seria “pelo mesmo motivo que você tem as suas”. A resposta recorrente é: 1. para divertir um pouco a família e eventuais vizinhos que não têm nem rádio; 2. para ver futebol e o *Domingão do Faustão*.

Arroz, feijão e *Domingão* – é o máximo!

O amigo Tonhão

Fausto Silva tem alguma coisa que chama pessoas de classes sociais mais altas (que

político não adoraria ser convidado para um *Domingão*?), atores, atrizes famosos, ao mesmo tempo em que conquista a fidelidade dos que fazem do aparelho de tevê a sua felicidade. Arrisco uma explicação para essa “coisa”: ele aboliu o “tapete vermelho”. Até para seu amigo Antonio Ermírio de Moraes, um dos mais respeitados empresários do País – exemplo de modéstia, idoneidade, competência, dedicação, bilionário, que transformou o hospital Beneficência Portuguesa, de São Paulo, num hospital de primeira linha. Há até pouco tempo Ermírio cumpria dois turnos de trabalho, um na empresa e à noite, no hospital. Foi na Beneficência onde se realizou a primeira cirurgia

do mundo com dois corações, pelo cardiologista José Pedro da Silva, xodó do empresário e da medicina nacional e inter-

nacional. Sobre Faustão, disse ele à revista Poder: “Fausto Silva é um artista de fazer inveja. Primeiro, pela sua eletrizante

juventude; segundo, pela teórica presença de espírito; terceiro, pelo amor que tem pelo Brasil. O povo brasileiro se acostumou com o seu bom humor constante e com a defesa intransigente que faz das grandes causas, combatendo a droga, o jogo, o crime, a corrupção”. Ao final de seu depoimento, Antonio Ermírio de Moraes, no seu mais puro estilo, despede-se do amigo com grandeza: “Deixo aqui o

meu abraço ao Faustão. De seu amigo, Tonhão”.

Até a avalanche de violência em São Paulo, anos atrás, vi Tonhão dirigindo seu próprio carro, o mais simples do mercado, numa avenida que dá acesso ao Morumbi. Aquela figurona, de terno sempre amarfanhado e gravata invariavelmente fora do lugar. Ah, Tonhão, jornalista de Economia, como fui durante mais de 20 anos, pode se complicar



Faustão com Antonio Fagundes, em 12-4-2009 (foto TV Globo-João Miguel Jr.)

Não é só quando é reciclado que o jornal pode ajudar o planeta.



Prêmio Jornalistas&Cia/HSBC de Imprensa e Sustentabilidade. Um prêmio para jornalistas preocupados com o planeta. Inscrições no site www.premiojornalistasecia.com.br





Fausto Silva

ao revelar suas preferências, exceto na votação dos melhores do ano... Quando vi José Dirceu, enrolado em falcatruas até o último fio de cabelo, e escolhido como o “homem do ano”, caí na real. Longe dessas falcatruas, sinto-me livre para dizer que gostaria que todos os empresários deste País fossem iguais a você, Tonhão.

Haja coração, Faustão!

Em 2008, ao comemorar o *Domingão 1.000*, ele deve ter-se engasgado com tantos elogios. Boni, Ivete Sangalo, Bernardinho, Juca de Oliveira, Hebe Camargo e Pelé manda-

ram parabéns através de vídeos para a equipe do *Domingão do Faustão*. Ivete desejou muito mais sucesso para o apresentador, enquanto Juca confessou ser fã do programa. Dercy Gonçalves, Gustavo Kuerten, Milton Nascimento e Chico Anysio mandaram recados. Guga comparou o apresentador aos jogadores de futebol Pelé e Romário, que alcançaram a marca de mil gols, enquanto Milton lembrou que já lançou vários discos no programa. Glória Menezes confessou que, das emoções que já viveu, muitas foram no *Domingão do Faustão*. O ator Tony Ramos disse que gostaria

de ter estado ao lado do apresentador no programa 1.000. A âncora **Fátima Bernardes** falou do carinho que Fausto Silva tem com os entrevistados, enquanto o jogador Ronaldo ressaltou a alegria que o apresentador traz para o lar dos brasileiros. O cantor Zeca Pagodinho e o publicitário Washington Olivetto deixaram recados. **William Bonner** também estava nessa e tantos, tantos outros...

Faustão, pela boca de pessoas que gostam muito de você fiquei sabendo das deliciosas pizzas que você faz em forno de lenha, sua hospitalidade ao receber amigos. Soube também

que você estaria mudando de seu casarão no Morumbi para um triplex nos Jardins. Deixo o assunto para as revistas especializadas em desvendar a vida de celebridades. Seu peso também não me interessa – mas não deixo de pensar como seria o *Domingão do Faustão* com um Fausto Silva magrinho... Nesse quesito, só tenho pena de Ronaldo (que já teve o sobrenome “fenômeno”), obrigado a emagrecer às pressas, sob supervisão de seus pratos e suas noites.

Continue gordinho e boa sorte!

Faustinho, Fausto, Faustão

Faustinho, porque poucas crianças escapam de ter o seu nome no diminutivo: Paulinha, Pedrinho, Bruninho, Joãozinho... Fausto era o repórter esportivo que passou pelas rádios Record, Jovem Pan e Globo/Excelsior. Em 29 de março de 1989, virou Faustão. A TV Globo colocou o apresentador no ar ao vivo, liderando o *Domingão do Faustão*, um dos maiores índices de audiência da emissora. Ele, claro, teve que se ajustar a um tipo de comportamento diferente daquele que adotava no *Perdidos na Noite*, o mais debochado programa de tevê, imperdível, já chamado de *cult*, a exemplo do insuperável comunicador

Abelardo Barbosa, o Chacrinha, considerado um mito da televisão brasileira, autor de frases que marcaram época: “Eu vim pra confundir, não pra explicar”, “Na tevê nada se cria, tudo se copia”. “Quem não se comunica se trumbica”. “Terezinha, uuuuuuh!”.

Quem ousar imitar Chacrinha vai se dar mal – o mesmo acontece no caso de Faustão. Goste-se ou não, eles são únicos. Os dois deram *glamour* aos programas de auditório que atingem todas as classes sociais, da A até a E, uma façanha e tanto. O *Domingão* foi assistido por Jorge Amado, Tom Jobim, Paulo Freire e também por favelados, que transformam

seu domingo numa festa. “Vem cá Maria, vem cá Zé Silva, vai começar o *Domingão!*”. Quem não gostaria de ser o motivo desse chamado pra lá de democrático? Quem diz que não assiste pelo menos dá longas espiadas. Quem assiste, dá ao programa um lbope de cerca de 20 pontos. É muito? É pouco? Respondem os números: cada ponto no lbope significa uma audiência de 80 mil pessoas. Não perca tempo fazendo contas. Assista ao seu programa em paz e deixe que exercícios de aritmética arranquem os cabelos de diretores com a guilhotina nas mãos. Quem manda aí é o seu controle remoto – e ele

garante os números do lbope do programa de Faustão. “Na história da Globo, ninguém teve tanta liberdade quanto eu tenho. Quando vim para cá, disseram que eu seria calado. Eu falo, mas não faço política partidária. Vivo da minha profissão. A televisão recebe da publicidade, e eu recebo da televisão. Quem financia a baixaria é um imbecil. Ninguém vai anunciar num programa que prega valores errados”, afirmou ele à Folha de S.Paulo, numa de suas raras entrevistas, em 8 de julho de 2007.

A xeretice que muitos não dispensam: o maior faturamento da TV Globo é o *Domingão*. Faustão, que circulou tanto

tempo no futebol, ficou rico, bem rico. Mas não é um dinheiro que caiu do céu para ele (ver **A dança do Faustão**).

Ele soube “pôr a mão na massa”: “Eu não preciso mostrar que sou inteligente ou culto, mas tenho que pensar na pessoa que está lá no interior do Ceará e que não sabe o que é o efeito estufa. Admiro muito o Chico Anysio, que é escada de novos talentos com o professor Raimundo. Não faço tipo, procuro ser o mais sincero possível, do jeito que eu sou. As pessoas reconhecem isso, dizem que eu brinco até com o dono da Globo”, afirmou ele naquela entrevista. Disse tam-

bém que **Armando Nogueira**, que por muitos anos foi diretor de Jornalismo da Globo, falou uma vez que o *Domingão* desmistificou um pouco a emissora. Porque humanizou a tevê, mostrando ao Brasil inteiro quadros como a *Dança dos famosos*, que levou atores e atrizes a superar desafios, como qualquer um.

Joyce Pascowitch, amiga de Faustão, dele conseguiu barrar a aversão a entrevistas e ouviu algumas de suas preciosidades:

Saudades – *Quem vive de saudade é museu. Curti todas as fases da minha vida intencionalmente.*

Lazer – *Fico com meus filhos, três, gosto de reunir meus amigos – que não são muitos – em sessões semanais de pizza em casa. Gosto muito de conversar – o que faz muita falta hoje em dia. Sou do tempo em que os pais iam fazer visitas e levavam os filhos, Hoje, as pessoas ou se abrem demais (tipo revistas de celebridades) ou quase se isolam.*

Mulheres admiradas – Zilda Arns, Irene Ravache, Maitê Proença, Fernanda Montenegro e Luiza Helena Trajano (do Magazine Luiza).

Brasil – *O Brasil é o país que caiu no real e não na real.*

Quem pensa que programas

de auditório são um gênero em extinção, que seguem o caminho dos LPs (aliás, hoje estão voltando com toda a força), é melhor reavaliar sua opinião: “Programa de auditório é uma das coisas mais antigas da televisão e não vai acabar nunca”, disse ele naquela entrevista à Folha, lembrando que “todo mundo me fala que sente saudades do *Perdidos na Noite*. O bom é sair na hora certa. O Pelé parou, e todo mundo lembra dele sempre no auge. É importante parar deixando saudades. Aqui, ainda tenho que continuar. É um supermercado e tem que ficar aberto e prosseguir”.

VEM AÍ

Edição de aniversário 15 anos
Jornalistas & Cia
Grandes Repórteres

Uma edição sobre os mais celebrados repórteres de nosso tempo.

Fechamento comercial: 24 de setembro
Data de circulação: 29 de setembro
Informações e reserva de espaço com Sílvia Ribeiro
silvia@jornalistasecia.com.br ou 11-5572-9700



A dança do Faustão

Fausto Silva foi criado no interior de São Paulo, embora tenha nascido na capital paulista, em 2 de maio de 1950. Morou em Tatuí, Porto Ferreira e Araras. Na pré-adolescência, queria ser jogador de futebol. Em Araras, aos 15 anos, experimentou o papel de repórter na Rádio Centenário. Na cidade de Campinas, fez o curso Clássico, equivalente ao ensino médio de hoje, voltado para aqueles que queriam seguir carreiras da área de Ciências Humanas, onde teve Regina Duarte como colega de turma. Para fazer a vontade da mãe, Fausto chegou a entrar na faculdade de Direito, mas logo saiu. Começou a trabalhar como repórter de plantão na Rádio Cultura de Campinas, além de comandar o programa musical *New Pop International*.

Grças a **Blota Júnior**, gran-

de mestre, amigo de seu pai, conseguiu espaço em São Paulo, na Rádio Record. Aos 20 anos, apresentava e redigia o *Jornal da Noite* da emissora. Em 1971, virou repórter de campo. Logo foi para a Rádio Jovem Pan, ocupando a mesma função. Em 1978, seguiu para a Rádio Globo. O primeiro contato com a tevê aconteceu em 1982, quando foi contratado como comentarista esportivo no programa *Bom Dia São Paulo*. Na Rádio Excelsior, liderava o *Balancê* – um show “lítero-esportivo-musical”. Junto com essas atividades, Fausto escrevia para O Estado de S.Paulo (esportes) e, aos domingos, participava da atração futebolística *Desafio ao Galo*, da TV Record. **Goulart de Andrade** convidou-o para comandar uma atração no programa *23ª Hora*, na TV Gazeta.

Em 1984, Fausto abandonou a reportagem para apresentar o antológico e anárquico *Perdidos na Noite*, na Gazeta. De um lado, uma plateia nada passiva, os “pentelhos” do Fausto; do outro, no palco, convidados para entrevistas e musicais. Fausto era irreverente, debochado e irônico. A todo instante, dava a programação de outros canais para desestimular o telespectador a assistir aquela “porcaria”. Caos, desordem e falta de recursos eram a chave do sucesso. O programa logo saiu da Gazeta e virou *cult* nacional pela Record, veiculado aos sábados, às 23h30. Palavrões, piadas apimentadas e trocadilhos cheios de malícia – na madrugada tudo era permitido. Em 19 de abril de 1986, o *Perdidos* foi para a TV Bandeirantes e passou a ser transmitido em rede nacional.



Repórter esportivo (do livro da Jovem Pan)

Em 1987, lançou outro programa, sob a direção de Augusto César Vanucci, o *Safenados* e

Safadinhos, no qual crianças e idosos exibiam suas habilidades e talentos. Em 29 de março de 1989, a TV Globo colocou o apresentador no ar

ao vivo, liderando o *Domingão do Faustão*.

Viu como o dinheiro não cai do céu?

Mas a sua vida não é só trabalho...

Faustão trabalha 52 domingos por ano, todos os programas inéditos – apenas poucos gravados, quando está viajando. “Adoro viajar”, disse ele à revista *Glamurama*, de Joyce. “Tive infância rica em fazendas, praticando esportes, vida de interior nadando no rio e pescando. Hoje viajo para os Estados Unidos, vou à Disney com os filhos. Vou também a lugares diferentes, mas tenho um segredo: sempre, na vol-

ta, passo por Londres, Paris, Nova York ou Milão. Na pior das hipóteses, salva a viagem. Aliás, tenho uma história curiosa que aconteceu no hotel Ritz (*), em Paris. Estava com minha filha Lara no carrinho, ela era pequena, no elevador, quando encontrei um casal de brasileiros. O homem se virou para mim e disse: ‘Até aqui sou obrigado a aguentar você?’. Eu respondi: ‘Nem aqui nem lá você é obrigado a me agüentar. Lá tem controle remoto. Eu é que queria ter um controle remoto aqui para poder te apagar!’”.

(*). O hotel Ritz, para os que o conhecem ou não, é o mais chique de Paris. Lá estava hospedada Lady Di e seu bilionário namorado árabe Dodi no dia em que ambos morreram. Fica na Place Vendôme n° 15,

no coração da capital francesa. O Ritz virou o hotel favorito de muitas pessoas riquíssimas do mundo, e suítes luxuosas foram nomeadas a partir de seus notáveis patronos do passado; entre eles, Ernest Hemingway (que deu nome a um bar do hotel), F. Scott Fitzgerald, Marcel Proust, o rei Eduardo VII do Reino Unido, Elton John, Rodolfo Valentino, Charles Chaplin, Greta Garbo, Coco Chanel. Esta, aliás, fez do Ritz sua residência por mais de 30 anos. O dono (é tão, tão rico que nem sei como chamá-lo) é Mohamed al-Fayed, pai de Dodi, namorado da linda princesa que sacudiu a nobreza. Mohamed também comprou a mais inglesa das lojas de departamentos inglesas, a Harrod’s.

Faustão com Nelson (Tatá) Alexandre no *Perdidos na Noite* (foto publicada no site de Milton Neves)



Tardes de domingo

O *Domingão do Faustão* garante uma audiência que só grandes novelas da noite conseguem alcançar. Ele é uma máquina de fazer dinheiro para a Globo e para si mesmo. Nada que não mereça. Mas quando quem não gosta do *Domingão* resolve falar, sai debaixo. A crítica mais freqüente é a de que ele é arrogante, capaz de eventualmente humilhar um ou outro simplório que passa por ali. Criticam também o programa, “mediocre”, para uns, uma “chatice”, para outros. Tenho a impressão de que ele repetiria o que disse no Hotel Ritz, em Paris, quando um hóspede brasileiro lamentou encontrá-lo: “Use o controle de sua tevê”. Imagine se na hora de “usar o controle” – seguindo a sugestão de Faustão – você sem querer cair no programa de Gugu Liberato?

Aí, imagino, o seu domingo vai mesmo pro brejo.



Foto: Jorge Crisi



Fausto Silva

Domingão de carnaval

Sa-sassaricando
Todo mundo leva a vida no arame
Sa-sassaricando
A viúva, o brotinho e a madame
O velho na porta da Colombo
É um assombro
Sa-sassaricando

Quem não tem seu sassarico
Sassarica mesmo só
Porque sem sassaricar
Essa vida é um nó

(marchinha de Carnaval de Luiz Antônio,
Zé Mário e Oldemar Magalhães)

Não posso dizer, Faustão, que assisto o *Domingão* todos os domingos. Mas no programa do Carnaval de 2009 passei várias horas diante da tevê, deslumbrada com o pessoal do *Sassaricando* – *E o Rio inventou a marchinha*. Pode não ter sido do “tempo” de ninguém – para não denunciar os anos vida. Eu cantei inteirinha e ainda não entrei na terceira idade. Você é muito divertido! Ri sozinha com seu jeitão de falar, das suas ironias com cara séria, e me comovi pelo respeito com que você trata, por exemplo, aqueles que participam do *Se vira nos 30* e dão vexame. Alguns, como aquele senhor

que, com panelas, toca piano, são extraordinários. E você ali, em pé, jogando a bola para frente. Por falar em jogar bola, vi duas fotos antigas de times de futebol do Estadão. Você, goleiro de

um lado e do outro, **Miguel Jorge**, ex-editor-chefe do jornal, alto executivo na VW, hoje ministro do Governo Lula. Um fiasco (quem viu, falou), mas divertido como tudo em que você põe a mão – menos na bola. Miguel, por sua vez, só pode ter sido “frangueiro”, em razão de sua personalidade, gentil, educado. Alguém já viu um goleiro gentil? Pode até ser muito bem-educado, como Rogério Ceni, do São Paulo, mas gentil com o adversário, jamais!

Só uma pergunta: sua vitalidade é de família?

Por falar em Miguel Jorge, editor-chefe do Estadão de 1977 a 1987, ele aparece como um dos principais personagens na vida profissional de Fausto Silva. Essa história está na edição 165 (setembro de 1997) do jornal *Unidade*, do Sindicato dos Jornalistas de São

Paulo: “O Fausto quase caiu da cadeira quando eu lhe disse: ‘não vou renovar a sua licença’. Falei que o negócio dele era televisão e não mais fazer o Corinthians, sua função na época. Em 15 minutos de conversa, ele concordou comigo. Ele merece estar nessa posição. Além de talentoso, sempre foi bom caráter e nunca prejudicou ninguém. Era um bom jornalista, nunca fugia do pau, era honesto e muito respeitado no meio”.



Faustão, goleiro num dos times do Estadão e, no outro, o atual ministro Miguel Jorge



Tim-Tim

Caro Fausto, como vários de seus amigos me alertaram sobre o zelo que você tem em relação à sua vida pessoal, uso somente o que estaria na “boca da internet”, ou melhor, do povo.

O segundo casamento de Fausto Silva, no final de novembro de 2002, com a ex-modelo Luciana Cardoso, no Leopoldo do Morumbi, foi um *show do Faustão*, inesquecível para o casal e certamente para seus convidados. Quem foi (300 convidados), foi. Quem não foi, deve ter visto nas revistas que correm atrás de celebridades. Luciana estava linda, com um vestido tomara-que-caia preto, bordado com pedrarias da grife Escada.

A festa foi fechada para a imprensa, mas escancaradamente aberta para amigos, nem todos celebridades. Chegou primeiro o cantor Agnaldo Rayol. Em seguida, Caçulinha, o músico que trabalha com Faustão há mais de 20 anos, com a mulher. Zezé de Camargo e Zilu, “simplezinha” no seu modelito vermelho da Versace. Dercy Gonçalves, toda de branco. Os casais Glória Pires e Orlando Moraes, Tom Cavalcante e a mulher. Hebe Camargo chegou de branco e prata. Em seu peito estava estampada a palavra “Paz” e nas costas “e Amor”: “É isso que eu desejo ao casal e a todos os brasileiros. Paz e amor”.

Relembrando seus tempos de repórter de campo, compareceram à festa os amigos Silvio Luiz, Rivelino e Osmar Santos. A *socialite* Lucila Diniz chegou acompanhada do repórter César Tralli, mas fez questão de esclarecer a companhia: “Somos amigos, estamos sozinhos. Por isso, decidimos vir juntos”.

Amaury Júnior afirmou que é amigo íntimo do casal. Ana Maria Braga chegou dirigindo seu próprio carro, acompanhada da cantora Simone. Leonor Corrêa, irmã de Fausto, disse que não aceitou ser madrinha pois já tem Lara, filha de

Fausto, como afilhada. Regina Duarte, Fúlvio Stefanini, Sílvia Poppovic e o marido, o endocrinologista Marcelo Bronstein, Roberto Justus e Daniela Barros, Otávio Mesquita e Janaína Barbosa também apareceram para parabenizar o casal. Marília Gabriela e Boni, consultor global, foram os únicos a não falar com a imprensa. Será que fizeram falta?

Faustão fez um breve discurso e elogiou a mulher Luciana Cardoso.

Nasceram dois filhos dessa união, João Guilherme e Rodrigo. Tem também a menina Lara, de seu casamento anterior, com Magda...

Sua fortuna, além de seus filhos, foi construída com o maior salário pago pela Globo a um profissional e à propaganda, especialmente do Magazine Luiza. Não me arrisco a falar em números sem saber nada sobre isso (e também não é da minha conta).

Mas, numa boa entrevista que você deu a Joyce Pascowitch, sua amiga pessoal, ela fala que você é rico, rico mesmo – o que não é nenhum pecado diante da esplêndida trajetória profissional que você teve.



Fausto elogia Luciana na cerimônia de casamento



Os amigos do Faustão

Até velhos companheiros

Difícil encontrar algum torcedor de futebol que não tenha ouvido uma dessas expressões: “Olho no lance!”, “Pelas barbas do profeta!”, “O que é que eu vou dizer lá em casa...?”, “Pelo amor dos meus filhinhos!”, “Balançou o capim no fundo do gol!”.

São bordões criados pelo narrador e comentarista de futebol **Silvio Luiz**, um dos mais irreverentes que passaram pela profissão. Ele é amigo de Faustão, talvez o único “louco por futebol” convidado para a festa de seu casamento com Luciana. Ele respondeu a algumas perguntas sobre esse relacionamento:

Jornalistas&Cia Entrevista – Como é Faustão ao vivo, fora da tevê?

Silvio Luiz – É tão engraçado como na tevê. Nas reuniões em sua casa faz questão de discutir todo e qualquer assunto e está sempre muito bem informado. Seleciona por grupos os convidados, mas na maioria das vezes todos se conhecem. Quando, em algum desses eventos, sabe do aniversário de alguém, tem bolo, presente etc.. Sempre está de muito bom humor e dificilmente come alguma coisa. Mas faz questão de estar presente em todas as mesas, sempre com uma piada. Pede notícias de antigos colegas, onde estão, como estão.

Figura sensacional, amigo dos amigos.

J&Cia – Onde e há quanto tempo vocês se conhecem?

Silvio – Nos conhecemos nos tempos em que a Jovem Pan era ainda no bairro do Aeroporto e ele repórter esportivo. Não sei mais há quanto tempo.

J&Cia – Faustão era um bom repórter de campo. Você sabe se ele é corintiano, como dizem?

Silvio – Excelente, sempre com tiradas rápidas e engraçadas. Tem um raciocínio imediato. Que eu saiba ele é santista, o clube da moda em sua época de repórter.

J&Cia – O que você teria a falar sobre seu amigo Faustão?

Silvio – Só coisa boa. Faz questão de ajudar os amigos e briga quando se toca nesse assunto. Existem velhos companheiros que recebem até hoje ajuda dele. Viaja todo ano. Principalmente para a Itália, onde tem velhos amigos. Quem sempre o acompanha é um velho palmeirense, Vicente Raiola, que foi diretor do clube antigamente, dono de uma fábrica de azeites, azeitonas. Em nosso meio é muito difícil encontrar uma pessoa como o Fausto, com esse coração que ele tem. Dá conselhos, orienta quando a pessoa está em dúvida sobre o que deve fazer. Um grande amigo.

Na era do rádio

“Quando eu ia para Campinas visitar a família, Dona Cordélia, mãe do Faustão, chegava para mim e falava: ‘Por favor, Luiz, dá um conselho para o Faustinho, porque ele trabalha apenas em área de esporte, fica só atrás de jogador de futebol. Eu acho que assim ele não vai pra frente’”, conta **Luiz Carlos Ramos**, hoje coordenador de Jornalismo da Rádio Capital (*). Ele acompanhou a trajetória do Faustinho de Dona Cordélia.

“Aí eu dizia pra ela: ‘Pelo que eu conheço do Fausto, ele é uma pessoa inteligente e vai pra frente, sim’. Falei sem imaginar aonde ele chegaria”.

Chega de falar da mãe de Faustão, porque ele não gosta dessa intromissão. Vamos então falar de seu pai, Maury. (Calma, foi apenas uma “pegadinha” do *Domingão do Faustão*.)

Quando tinha apenas 22 anos e estava no quarto ano de Direito, Fausto acabou trancan-

do a matrícula. Na época, era repórter de campo na Jovem Pan, numa equipe em que estavam **Osmar Santos**, de quem ficou muito amigo, e Luiz Carlos Ramos. Também trabalhava no Estadão. “A gente fechava a edição e ia prum restaurante chamado Boi na Brasa, perto do Sindicato dos Jornalistas. Ele não bebia nem fumava, mas ficava com a gente a madrugada inteira”, conta Luiz Carlos. “Ele queria trabalhar em jornal.

Era um cara simpático, que chegou no Estadão e falou: ‘Eu quero trabalhar em jornal porque a mídia impressa ajuda a dar cultura’. ‘Mas não tem espaço pra você’, ouviu como resposta. Ficou como colaborador, recebendo a metade do piso salarial. Assim que surgiu uma vaga, foi registrado, era um repórter muito bom; o texto não era grande coisa no início, mas ele era muito envolvente, ficou amigo do Sócrates, do

Corinthians, conseguia furos e mais furos daquela maneira, por amizade”.

Veio então o melhor. Nascido em 1977, na Rádio Excelsior, o programa *Balancê*

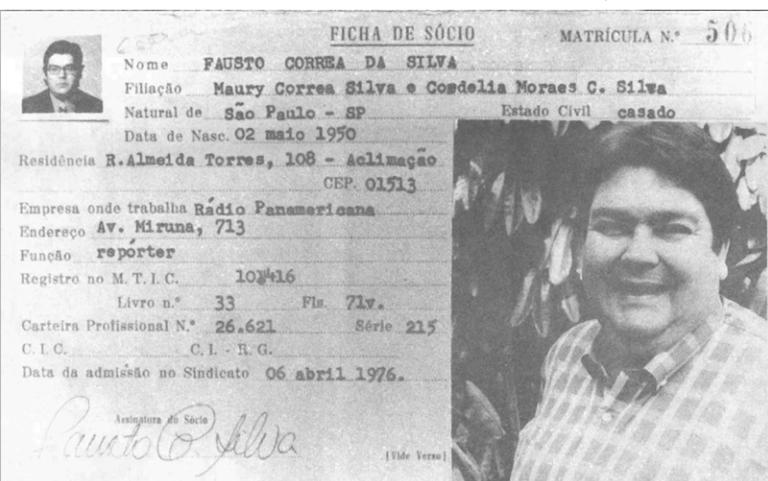
foi um ícone da era do rádio, misturando futebol e entretenimento e reunindo grandes nomes do esporte e do jornalismo brasileiros. Naqueles tempos, a rádio abriu espaço para Lula, líder dos metalúrgicos, hoje presidente do País. Osmar gostava de falar sobre política. Os militares rangiam os dentes. Na era do rádio, não havia nada melhor. Fausto foi para a Rádio Globo junto com Osmar fazer o *Balancê*, o mesmo deboche, a mesma ira da violenta ditadura.

Esportes, em geral a mais alegre do ‘pedaço’ (na época, é bom que se diga), Faustão contava piadas diante das câmeras de Goulart e começou a andar pelas tevês. Chegou à Globo, onde está há 20 anos com o *Domingão do Faustão*”.

Aos que não gostam, usem o controle remoto. Não são poucos. Aos que gostam – são muitos –, nada deve ser melhor do que estar na companhia dele no domingo.

(* **Luiz Carlos Ramos** foi por 42 anos repórter em veículos como *Jornal da Tarde*, *Estadão* e *Rádio Excelsior*. Professor de Jornalismo há 18 anos, na PUC-SP, ministra oficinas de jornalismo impresso e radiojornalismo, além de proferir palestras sobre ética no Jornalismo.

“Foi descoberto na redação do Estadão por Goulart de Andrade, que havia ido lá para gravar um programa mostrando como se faz um jornal. Na editoria de



Ficha no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo

Continuou o mesmo

Por **Washington Olivetto**, presidente da W/

“Sou amigo do Fausto desde a época em que ele trabalhava em rádio, como repórter de campo da equipe do Osmar Santos. Acompanhei toda a sua trajetória na televisão, começando pelo *Perdidos na Noite*

(uma verdadeira revolução de linguagem na tevê brasileira) e chegando aos dias de hoje, quando ele comanda o programa de maior faturamento da Rede Globo.

Fausto, durante todo esse

tempo, merecidamente fez fama e fortuna, mas continuou o mesmo de sempre: amigo leal, com talento fora-de-série, senso crítico apurado e enorme capacidade de rir de si próprio. Além disso, Fausto é extrema-

mente generoso e um incansável presenteador. Seu coração e seu caráter conseguem ser maiores do que ele próprio.

Grande Fausto.”



Fausto Silva

O amigo secreto

Por Ricardo Kotscho

“Existem vários Faustões. De qual Faustão vocês querem que eu fale?”

Tem o meu amigo famoso, o Faustão do *Domingão*, fazendo sucesso há 20 anos na tela da TV Globo, onde ganha salário de sete dígitos e representa um dos maiores faturamentos da maior rede de televisão do País.

Apesar disso, ou por isso mesmo, basta falar no seu nome para muitos críticos soltarem os cachorros em cima dele.

Certa vez, acompanhei o dito cujo durante um domingo inteiro no Projac, a cidade

cenográfica da Globo no Rio de Janeiro, onde ele apresenta seu programa, para fazer a reportagem *Um dia na vida do Faustão*.

Tomei o maior cacete do ombudsman da Folha, que só faltou pedir minha cabeça, porque achou a matéria ‘muito a favor’, não fazia críticas ao programa, quer dizer, não detonava o personagem, como era costume do jornal na época.

Queriam o quê?

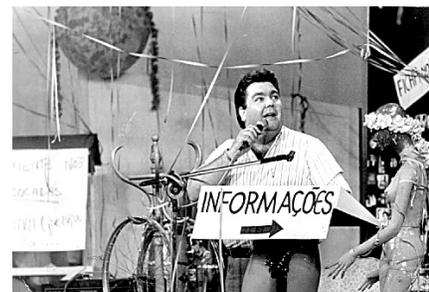
O cara é meu velho amigo, abriu uma exceção para falar comigo numa época em que não dava entrevistas a ninguém, me levou com ele para

o Rio no jatinho e, depois, para o Projac de helicóptero, abriu a intimidade do seu camarim e me deixou trabalhar à vontade.

E ainda queriam que eu esculhambasse com ele?

Até hoje, os leitores me xingam no meu *blog*, o *Balaio do Kotscho*, quando falo que sou amigo do Faustão (na enquete que promovi no final do ano passado, ele foi eleito um dos *Malas do Ano*).

Tem o meu amigo Faustão, que conheci repórter de Esportes na redação do Estadão, uns 40 anos atrás, emprego que acumulava com outro na Jovem



Fausto Silva no *Perdidos na Noite* (foto publicada no *blog* de Jamari França em 25-6-07)

Pan, onde levava solenes broncas do manda-chuva **Fernando Vieira de Mello**, uma espécie de Muricy Ramalho do rádio, como me contou o **Realzi Jr.**, seu colega de rádio e jornal.

Naquele tempo, Faustão vivia fazendo piadas, ainda sem cobrar nada, entre uma reportagem e outra, mas Vieira de Mello não achava a menor graça: ‘Você parece mais comediante do que jornalista... Vai refazer esta matéria, seu gordo de...!’.

Tem o Faustão da pizza do Faustão, um evento que ele criou faz muitos anos em sua casa, com forno a lenha, pizzaiolo profissional, brigada de garçons e tudo.

Chama os amigos de todas as empresas onde já trabalhou, jornalistas e seus patrões, jogadores e técnicos de futebol

de todos os times, gente rica e gente pobre das mais diferentes áreas, e monta uma baita festa sem motivo algum, apenas para celebrar a amizade.

Detalhe: ele mesmo nunca come nem bebe nada (jamais provou as finas bebidas que serve em sua casa e vive fazendo dieta). Fica só circulando de mesa em mesa, papeando com todo mundo, fazendo graça de graça.

Para mim, é o melhor restaurante da cidade.

Além da qualidade da pizza, encontro velhos amigos e me divirto com figuras como a Hebe Camargo – fiel comensal,

que está sempre de bem com a vida e não economiza piadas pesadas e gargalhadas –, e no final, ainda por cima, o garçom não apresenta a conta.

E tem um Faustão que quase ninguém conhece – nem mesmo alguns dos seus amigos beneficiados pelo coração maior do que a barriga do espaçoso apresentador das tardes de domingo.

Talvez nem mesmo o Faustão saiba dizer hoje quantos amigos do esporte e do jornalismo em dificuldades receberam ou recebem uma ajuda dele quando necessitados.

Tão discreto ele é nessa sua

benemerência de pura fraternidade que não comenta isso com ninguém.

Jamais tocou no assunto nas raras entrevistas que já concedeu à imprensa. Não gosta nem precisa disso.

Pode ninguém acreditar, mas, apesar de todo barulho que faz nas nossas casas nas intermináveis horas do *Domingão*, ele detesta aparecer.

Assim, este Faustão que poucos conhecem é o verdadeiro amigo secreto de muita gente.

Por favor, não contem este segredo para ninguém...”

A amigona do Faustão

Querida Hebe, você é um caso singular e plural. Singular, porque nunca haverá outra Hebe Camargo; plural, porque vive com um sorriso enorme para todos, de Paulinho da Viola, um gênio da música, a Paulo Maluf, o político com grande contingente de eleitores que passam por cima do “rouba mas...” diante de suas promessas estratosféricas. Prefiro falar de suas belas pernas. Cobiçadas até por quem tem menos da metade de sua idade. Que pernas! Também não usa sutiã porque não precisa. Difícil acreditar que você comemorou seus 80 anos no Dia Internacional da Mulher, 8 de março de 2009. Grandes amigos, como Faustão, Lolita Rodrigues, Silvio Santos, Ana Maria Braga e sabe-se lá quantos outros famosos estiveram por lá.

Hebe nunca se imaginou na

Globo: “Sou muito popular”. E tem uma vitalidade surpreendente. Ela fez plásticas, sim, e não se preocupa em esconder. Botox? Nem pensar! Hebe é divertida. Bonita, uma viúva cobiçada, mas não se interessa por “garotos” de 35, 40 anos, que certamente a cortejam – como foi cortejada a sair na revista *Playboy* no passado e não aceitou...

Anos atrás, o acesso de um jornalista a você era muito mais fácil. Eu mesma, com **Apoenan Rodrigues**, um dos melhores jornalistas da área de Cultura, estivemos em sua casa, quando você ainda morava no Morumbi. Lembro também de quando você morava numa pequena praça perto da antiga TV Tupi, da Igreja Nossa Senhora de Fátima, no Sumaré. “A Hebe mora ali”, diziam.

Será que você mudou mui-

to? No último mês andei atrás de você para conseguir umas frases sobre seu amigo Faustão. De sua assessoria, numa arrogância que você, a “estrela”, jamais insinuou, recebi o “despacho”, sob a alegação de que você estava “muito ocupada e não poderia me prometer nada”. Insisti novamente, com o argumento de que seriam apenas alguns minutinhos. Nada. Como você, querida Hebe, sou inteligente e percebi logo que não conseguiria nada. Na minha cartada final, usei o nome do meu marido, **José Trajano**, a quem você conhece. Nunca precisei usar o nome de ninguém na minha carreira, mas arrisquei. Também não deu em nada.

Tenho certeza que você não me negaria alguns minutos para falar de seu grande amigo Fausto Silva. Mas sei

que não foi você que negou. Imagino que sua popularidade no Brasil inteiro, entre ricos, pobres e remediados, famosos e anônimos, doutores e analfabetos, subiu à cabeça de sua assessoria.

Oitenta selinhos pra você!



Faustão e Hebe Camargo, em *Caras 685* (Foto Cassiano de Souza-CBS Imagens)

Expediente

J&Cia **Entrevista** é um informativo produzido pela M&A Publicações e Eventos • Tel.11-5576-5600 • Diretor e Editor Responsável: **Eduardo Ribeiro** (eduribeiro@jornalistasecia.com.br) • Editor Executivo: **Wilson Baroncelli** (baroncelli@jornalistasecia.com.br) • Coordenadora: **Célia Chaim** (celiachaim@uol.com.br) • Editora-regional RJ: **Cristina Vaz de Carvalho**, 21-2527-7808 (cvc@criscom.com.br) Assistente: **Luiz Anversa** (luizanversa@jornalistasecia.com.br) • Projeto Gráfico e Diagramação: **Paulo Sant’Ana** (pr-santana@uol.com.br) • Circulação e Publicidade: **Silvio Ribeiro** (silvio@jornalistasecia.com.br).

Fausto Silva



Faustão está aqui

Por **Cristina Vaz de Carvalho**

Valeu a espera. J&Cia preparou quase 40 questões para Faustão, muitas delas procurando desvendar um pouco mais o seu lado pessoal e outras tantas para indagá-lo de seu lado jornalista, que muitos desconhecem totalmente. Fomos logo alertados para que fizéssemos as perguntas mais relevantes logo no começo, porque ele, após 15 minutos de conversa, começaria a ficar inquieto e poria fim à entrevista. Bobagem. Ao menos no nosso caso. Não conseguimos esgotar a pauta, mas pudemos conversar à vontade por muito mais do que 15 minutos e só paramos porque de fato ele tinha que cuidar dos afazeres do programa daquela tarde de domingo. Mas deu a entender que, não fosse isso, ficaria muito mais minutos falando de sua vida, dos amigos e, sobretudo, de jornalismo. Isso nos dá a pista de que se o assunto é apaixonante e o toca, ele abre o coração e despacha a impertinência para longe. A conversa aconteceu nos estúdios do Projac, no Rio de Janeiro, com direito a sessão de fotos. Ao lado da editora regional Cristina Vaz de Carvalho esteve o fotógrafo **Jorge Grisi**.



Fausto Silva – Põe aqui em cima. Um gravador desses não pode perder. Vamos lá, o quê você manda?

Jornalistas&Cia – O nosso boletim é de jornalistas para jornalistas. E a sua origem no jornalismo nos interessa muito.

Fausto – Faz tempo, hein? Eu nem me lembro mais! Porque grande parte de minha vida foi dedicada ao jornalismo – foram seis anos no rádio, seis no jornal, e até um pouco em televisão. Para ter uma ideia, eu virei, entre aspas, artista, a partir de 83 ou 84. Olha quanto tempo!

J&Cia – E o que você trouxe desse período?

Fausto – Normalmente, gentou, do seu tempo de jornalista, você ainda mantém amizade, ainda mantém contato com alguma delas?

Fausto – Sim, claro. Continuo amigo, por exemplo, de figuras como o **Vital Bataglia**, o Ricardo Kotscho, o Clóvis Rossi. Mas hoje os vejo muito menos, porque estou nessa outra atividade desde 83 ou 84. Ah, tem também o **Sérgio Cabral** [pai], que brincava comigo, na Copa do Mundo de 82, porque eu fazia rádio, jornal e um pouco de televisão, ao mesmo tempo. Isso aí ajuda, porque você tem uma linguagem para o rádio, uma linguagem para televisão, e outra para o jornal. Eu trabalhei num jornal como o Estadão, que era a antítese do estilo de rádio

de jornal e rádio dá certo na televisão. São os melhores celeiros. Não é questão só da personalidade artística. Quem tem conteúdo e, principalmente, sabe diferenciar a importância de conteúdo e forma, geralmente vem de jornal ou do rádio, que dão esse jogo de cintura, até porque não existe ainda uma escola de televisão. Algumas pessoas são formadas naquela escola de televisão engessada, em que o cara faz enterro, batizado e incêndio, e tudo do mesmo jeito. Tanto que você vê que o jornalismo brasileiro é totalmente copiado do americano. O **Ali Kamel**, aqui na Globo, já fez algumas modificações, especialmente de

que eu fazia. Primeiro na Rádio Record, depois na Jovem Pan, com **Joseval Peixoto** e **Osmar Santos**, depois na Rádio Globo. E na Rádio Excelsior fui fazer o *Balancê*, que foi um programa de auditório que fizemos durante muito tempo, mas que era eminentemente jornalístico.

J&Cia – Na primeira parte de sua carreira você sempre se caracterizou por mostrar e mesmo atuar nos bastidores. Por que isso mudou?

Fausto – Porque mudou a minha vida. Eu fiz um pouco de bastidores no *Perdidos na Noite*, mas fazia sobretudo nos tempos de jornalista. É óbvio que uma vez jornalista sempre jornalista. Não tem como se desligar. E aí você continua a

manhã. Mas, no fundo, o jornalismo é todo calcado no estilo... Nem europeu, é no estilo bem americano mesmo, é tudo igual. Para mim, foi importante porque trabalhei com grandes jornalistas. Aprendi com grandes jornalistas: **Alberto Dines**, **Armando Nogueira** (em alguns eventos como Copa do Mundo), **Nelson Rodrigues**, **Murilo Antunes Alves**, **Wandick de Freitas**, **Reali Jr.**, **Marco Antônio Gomes**, **Clóvis Rossi**, **Ricardo Kotscho**, **Fernando Vieira de Mello** e muitos outros que certamente estou esquecendo. Foi um aprendizado que me ajudou muito. Primeiro, fazendo Geral, depois Esporte. Sem contar os tempos de rádio no interior,

conviver com pessoas da área, com amigos como (no meu caso) **Lauro Jardim**, **Sônia Racy**, **Joyce Pascowitch**, entre outros, mas o olhar crítico, de leitor que conhece o ofício, continua afiado. Eu, como leitor, por ter sido jornalista, faço uma leitura profissional. E é fácil explicar: se você é estilungue durante muito tempo, quando vira vidraça, sabe como entender o estilungue, até para se desviar de algumas pedradas. Acho importante entender o objetivo de cada órgão de imprensa e penso conhecer razoavelmente esta nossa fauna. É por isso que não entro nesse mundo. Prefiro me preservar e preservar a minha vida. Fiz muito essa coisa de bastidores, na época em

quando tinha que transmitir até tarde de autógrafos. Não é mole, não; é o apogeu da merda. Não é fácil, aquela fila, você com o microfone entrevistando... Desfile de 1º de Maio, desfile de 7 de Setembro, tudo isso exigindo muito do lado profissional. Até porque, ao contrário de ser “diversão de cego”, como muita gente diz, o rádio é muito difícil. Basta ver o que Orson Welles fez no rádio. Você mexe com a imaginação das pessoas. E o jornalismo de rádio tem algumas características que são imbatíveis: a agilidade e a rapidez. E hoje, com celular e com tudo, é muito mais rápido, é páreo para a internet.

J&Cia – Das pessoas que ci-

que comecei com o **Goulart de Andrade**. Ali, sobretudo nas entrevistas externas, dava pra fazer bastante bastidores, mas agora, aqui, não. Eu às vezes vou ao *switcher*, mostro o que a televisão não mostra. Se você for fazer uma pesquisa – e eu já tenho algumas informações – não existe no mundo um apresentador que passe atrás das câmeras, que mostre como é a televisão, que fale nome de músico...

J&Cia – Que chame o pessoal que está atrás das câmeras... [risos]

Fausto – Que chame o pessoal que está atrás das câmeras para participar. Agora, nos Estados Unidos as pessoas acham isso um absurdo, pensam que eu





Fausto Silva

sou de Marte. Mas é o jeito, a gente considera bem brasileiro isso. É o jeito brasileiro, e deu certo.

J&Cia – *Você é uma boa fonte*

de informação sobretudo para os jornalistas mais amigos?

Fausto – Às vezes até sou. De muitos, na verdade, sou principalmente amigo mesmo.

Mas eu procurei separar as coisas até porque não tenho tanta informação assim, não vivo esse ambiente de artista. Eu trabalho durante a semana: reunião com a produção, com a equipe de criação, tenho muitas reuniões com o Departamento Comercial para efeito de publicidade, comerciais dos clientes no programa, e domingo faço o programa. Como eu tenho filho pequeno, tenho pilha de carne para pagar, não dá para ficar indo em inauguração de loja, balada, entendeu? Não tenho tempo. Balada para mim só do Paul Anka. [risos]

J&Cia – *Quantos filhos você tem?*

Fausto – Tenho três, de 12,

seis e dois anos; então não dá tempo. A vantagem do pai velho é que ele tem uma qualidade de vida, uma qualidade de relacionamento melhor. Tem mais chance para fazer isso com o filho. Ao passo que os meus amigos que hoje têm 60 anos, todos são avós. É outro parâmetro de relacionamento.

J&Cia – *Quem são seus amigos fora do jornalismo?*

Fausto – Que frequentam a minha casa, a Hebe [Camargo], o Tarcísio [Meira], a Glória [Menezes], o Fúlvio Stefanini...

J&Cia – *Não precisa ser nome famoso.*

Fausto – E outras pessoas de quem vou falar: é médico, industrial, empresário, mecânico

dos meus velhos tempos. Eu tenho amizades bem heterogêneas. Falei do **Mário Marinho**, Vital Bataglia, quem mais...? O pessoal do Jornal da Tarde, pessoal do Estadão, o próprio **Roberto Gazzi**, editor-chefe do Estadão. Tem umas pessoas com quem ainda tenho amizade: **César Giobbi**, **Amauri Jr.**, **Otávio Mesquita**. Quer dizer, é bem diversificado.

J&Cia – *E a mecânica do seu programa? Quanto do seu tempo você dedica a ele?*

Fausto – Dois dias, pelo menos. Na verdade, quem faz esse tipo de programa – quem faz televisão, jornal, rádio, revista –, tem que ficar ligado 24 horas.

É bem diferente, por exemplo, de quem trabalha numa indústria, que fica ligado das seis da manhã às seis da tarde, mas aí desliga, e apenas no dia seguinte é que vai saber se pegou fogo lá ou não. No nosso caso, ficamos ligados o tempo todo, seja pelo fato de que a notícia não tem hora para chegar, seja pelo reconhecimento público. Então, é diferente. Eu ia a um lugar antes, quando trabalhava em rádio, jornal; pouca gente me conhecia, tudo bem. Hoje, aonde eu vou, todo mundo pergunta: “e aí, aquele quadro; o que aconteceu com o ratinho que pulou na semana passada? E a dança, quem vai ganhar? E

aquele quadro das crianças?”. É natural isso, acontece muito com ator, apresentador, artista em geral, esportista. Ficamos expostos o tempo todo.

J&Cia – *Mesmo não sendo um programa jornalístico, essa disponibilidade para a notícia, a qualquer momento...*

Fausto – Sempre teve e o fato de ser ao vivo contribuiu ainda mais para ser assim. Sei que há um certo preconceito da imprensa, por ser o Domingão um programa de auditório e de variedades, mas eu pergunto: qual o programa de auditório que foi escolhido pelo Betinho para lançar a *Campanha contra a Fome*? Qual o programa de

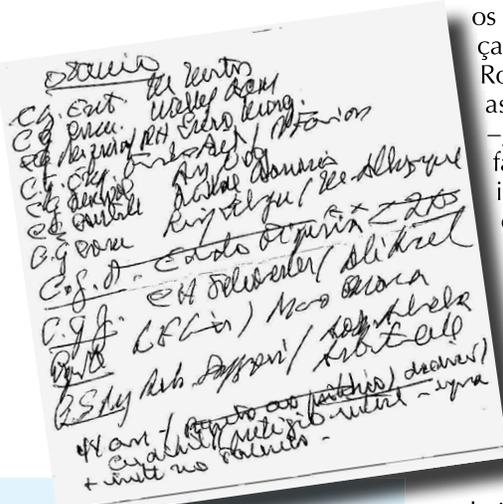
auditório que foi procurado pela ONU para fazer uma pesquisa consultando a população sobre o que ela poderia fazer para melhorar o seu país? Que programa de auditório é, todo ano, solicitado pelo presidente da Associação dos Magistrados para conscientizar sobre a importância de não vender voto, e de que o voto é a arma mais importante da democracia? Que programa de auditório tem preocupação em mostrar livros? (Programa popular que mostra livros, e diz que é lendo que se aprende, inclusive a ler, é só aqui.) Que programa de auditório mostra, no telão, a arte brasileira? Desde

os novos, que estão começando – Pandolfo, Gustavo Rosa, que não é tão novo assim, mas é importante –, como os gênios, que fazem sucesso no mundo inteiro? Tem Portinari e outros nomes, baluartes que vão aparecer. Só para você ver que, embora seja um programa do gênero “auditório”, ele tem diferenças. Como, por exemplo, a campanha, já há cinco ou seis anos, para conscientizar a mulher da importância do toque no câncer de mama. Tem o lado da prestação de serviço público, tem o lado da informação. Te-

mos um quadro, chamado *Tô a fim de saber*, em que as pessoas querem saber: como funciona a televisão, o fax, o telégrafo, telex – que nem existe mais, sei lá... Ainda sou do tempo do telex... Porque, hoje, se você perguntar para umas pessoas o que é o mimeógrafo ou a galocha, tem gente que não sabe. Olha que absurdo: quando eu comecei aqui, há 22 anos, não havia controle remoto, internet, tevê a cabo, celular, e shopping não abria domingo. São cinco mudanças de comportamento muito, muito sérias.

J&Cia – *Em que o aparecimento da internet, a popularização da internet, mudou a sua forma de trabalhar?*

Fausto – Deu mais rapidez. Só que eu acho que a internet, em determinados momentos, é o penico do mundo. As pessoas jogam o que querem lá dentro sem a menor responsabilidade. Por outro lado, é óbvio que ela tem o mérito extraordinário de ter aproximado as pessoas, de ter dado um ritmo mais veloz à informação. Embora pesquisas indiquem que 80% dos internautas vão atrás de sexo, nós temos pelo menos 20% que vão atrás de informação, que querem conhecer museus, o mundo. Tem o lado ruim, mas tem esse lado bom que ajuda, e muito. Até porque a interação televisão-internet é irreversível, uma coisa concreta. E isso é



Ficha manuscrita por Fausto para o programa Melhores do Ano - 12-4-2009



Fausto Silva



muito bom. E vai acontecer também com o jornal. O livro não vai acabar, pode virar um livro eletrônico, pode virar um outro livro, mas continuará a existir, dando opções às pessoas. Quando começou a televisão, anunciavam o fim do rádio, depois o fim do cinema. Tem público para tudo, sempre.

J&Cia – *E a interatividade com o telespectador?*

Fausto – Isso é muito forte. O diretor geral do programa, o **Jayme Praça**, tem uma base de quanto o nosso site [http://domingaodofaustao.globo.com] ...

Jayme – O nosso site tem picos, mas a média é de 800 mil pessoas por dia.

J&Cia – *Independentemente*

de o programa estar ou não no ar?

Jayme – No domingo chega a 1 milhão e 500 mil. Na 2ª, mantém; na 4ª, dá uma caidinha e volta a subir. Mas a média é entre 700 e 800 mil.

Fausto – Significa o seguinte: embora o programa seja semanal, a média de acessos é praticamente igual à da novela.

Jayme – É isso aí.

Fausto – E a novela é diária.

J&Cia – *E o que essa interatividade muda no programa? Em que ela condiciona o programa?*

Fausto – O que nós fizemos foi pegar um público que estava afastado da internet e trazer para a internet. É a mesma coisa dessas promoções que eu

fiz para ensinar a população a passar SMS. Para você ter uma ideia, na outra Copa, eram 3 milhões que sabiam passar SMS, e chegamos a 13 ou 14 milhões que aprenderam a passar mensagem de texto. Hoje, somos mais de 40 milhões. Aí está o papel da televisão na prestação de serviço público, de ensinar as pessoas a usarem o meio. Mesma coisa aqui: nós conseguimos com o *TV Garagem do Faustão*, que é considerado um site dentro do site, mais de 130 mil...

Jayme – 150.

Fausto – 150 mil vídeos!

J&Cia – *Impressionante quando você citava isso. Quanto vídeo! [risos]*

Fausto – Você chega à con-

clusão de que o Brasil tem mais artista do que público. Então, o que acontece? A gente trouxe o nosso público para a Globo.com. Fizemos com que esse público viesse navegar na internet. Até outros públicos da internet também vieram ver o programa. Deve ter sido, com certeza, uma conjunção de interesses.

Jayme – Mas a base ainda é o programa na tevê aberta.

Fausto – É.

J&Cia – *Em quê mais o Domingo influenciou a Globo como um todo?*

Fausto – Eu acho que, primeiro, na relação custo-benefício de faturamento, que é absurda. Se você observar, a maior relação custo-benefício da televisão é o *Domingão* da TV Globo. Por

isso ele está aí no ar há 22 anos. Agora, importante é que o próprio Armando Nogueira achava que o *Domingão* desmistificou um pouco, humanizou a TV Globo. Era a frase do Armando, a que ele usava. Ou seja, aqui o artista aparece como cidadão: ele fala de política, fala da vida dele, de fracassos, de sucesso...

J&Cia – *Você já chama dizendo o nome dos filhos deles.*

Fausto – É, tem isso. Dá uma humanizada. E a internet, voltando a ela, tem sido uma grande aliada nessa direção, pois estimula uma maior interação com o público, que pode formular suas perguntas por ela, diretamente para os artistas, por exemplo. A relação entre público e artistas, gente famosa, mudou muito. Antes, quando eu era repórter, as pessoas chegavam ao Pelé ou

outra pessoa famosa, para pedir um autógrafo, e faziam isso com uma certa reverência. Hoje, não tem mais isso. O cara pode chegar para o ídolo que for e logo diz: "Ô, assina aqui, Madonna! Porra, que letra feia, hein, Madonna!". Então, a relação de pai e filho mudou, como mudou a relação de fãs e ídolos. Eu acho que a isso o programa também foi se adaptando.

J&Cia – *Fora do programa, quais são as atividades de que você mais gosta? O que faz nos seus momentos de lazer?*

Fausto – Sou um cara anti-go...

J&Cia – *Tem outro negócio?*

Fausto – Não, não tenho nada, negócio nenhum. Trabalho para e pela TV Globo. E não uso a TV Globo para abrir restaurante, para abrir lata de sardinha, nada. Eu trabalho



aqui em função da TV Globo, o tempo todo. Não tenho nada paralelo. Isso vem dos meus velhos tempos de jornalista: se você estiver focando numa coisa, tende a fazer menos mal.

Hoje todo mundo tem a mania de querer virar shopping center, de querer fazer 300 coisas ao mesmo tempo. Eu não; prefiro fazer uma coisa só, tento fazer o melhor e vou tocando.

J&Cia – *E o seu lazer?*

Fausto – O meu lazer, na verdade, é o lazer que as pessoas não têm mais: conversar, bater papo. Por exemplo, quando eu faço a pizza, é a chance de colocar gente das mais variadas atividades juntas. Você mistura o Ronaldo Fenômeno, Kaká, o Felipe Massa, com Antônio Ermírio, José Safra... Quem mais...? O [maestro] João Carlos Martins... É o prazer de conversar, que aprendi com meus pais e que hoje está desaparecendo, seja com o individualismo provocado pela internet e mesmo pela globalização do mundo. Então eu acho que reunir as pessoas, colocá-las para conversar é uma coisa muito boa. Cada vez que levo a Hebe lá, é uma festa, você faz brincadeiras e ri a valer, mas também fala coisa séria. Prezo muito isso, o bate-papo,

a amizade. Viajar é outra coisa importante. Até porque, lá fora, vou fazer programa que aqui seria programa de índio, e lá é ótimo: passear em supermercado, andar em museu, fazer as coisas que aqui nem sempre dá, e me dedicar à família. É o seguinte: o maior patrimônio que um ser humano pode ter são os filhos. E quando isso é possível – não estou falando de filho biológico necessariamente, não; ter filho é criar, pai é quem cria. Como eu, graças a Deus, tive a chance de, aos 48 anos, começar a ter filho, e tenho três, então eu foco bem neles. O tempo que eu tenho, aproveito para ficar com eles, para valorizar essa relação. Os amigos da minha faixa de idade estão curtindo os netos porque, quando estavam na fase de pai, não tinham tempo para cuidar dos filhos, estavam trabalhan-

do. Eu, felizmente, pela própria atividade que tenho, de ter um programa semanal – eventualmente gravo comerciais durante a semana –, me sobra tempo para cuidar dos filhos. Essa vida é mais simples do que um copo d'água, viu, Cristina? [risos]

J&Cia – *A sua idade – não se incomoda de dizer?*

Fausto – Não, falei agora há pouco, 60 anos. Alguém que está com 60 anos precisa ter um pouquinho de juízo. Sou um homem de meia idade. De 120 não conheço nenhum. Tenho que aproveitar.

J&Cia – *E essas pizzas conhecidas da sua casa, com que periodicidade você faz?*

Fausto – Faço uma por mês. Já cheguei a fazer muitas. Depois, acabou virando uma pizzaria. Tinha gente que passava na frente da casa, via a luz acesa e pensava que a pizza

estava funcionando. Agora está mais para butique. Chegou uma época em que aparecia pizza de 180 pessoas. Mas é melhor menos, e aí tem mais tempo para conversar.

J&Cia – *Você tem religião?*

Fausto – Sou católico apostólico romano. Sou do tempo em que a missa era em latim, e fui coroinha de missa em latim. Tocava sino, balançava até aquele aparelho, turíbulo, que solta fumaça. Já toquei em fanfarra, aproveitei bem a minha infância no interior. Nasci em São Paulo, mas morei no interior.

J&Cia – *Onde, exatamente?*

Fausto – Morei em Tatuí, Porto Ferreira, Araras e Campinas. Tem aí no meu histórico. Em qualquer arquivo, bem antigo, de jornal, você acha.

J&Cia – *Fausto, muito obrigada.*